

CURSO DE ENFERMAGEM

Daiana Cristina Wander

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO
EM AMBIENTE HOSPITALAR**

Santa Cruz do Sul

2016

Daiana Cristina Wander

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO
EM AMBIENTE HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Enf^ª. Micila Pires Chielle

Santa Cruz do Sul

2016

Daiana Cristina Wander

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO
EM AMBIENTE HOSPITALAR**

Esta monografia foi submetida ao Curso de Enfermagem da
Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título de
bacharel em Enfermagem.

Prof^a. Enf^a. Ms. Micila Pires Chielle

Professora Orientadora - UNISC

Prof^a. Enf^a. Ms. Ingre Paz

Professora examinadora - UNISC

Prof^a. Enf^a. Dr^a. Liane Teresinha Schuh Pauli

Professora examinadora – UNISC

Santa Cruz do Sul

2016

RESUMO

A presente pesquisa investigou possíveis aspectos geradores de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho do enfermeiro que atua em ambiente hospitalar com demandas que lhes exigem uma intensa dedicação física e mental. Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa e qualitativa onde foram entrevistados 20 enfermeiros de diversos setores de um hospital de médio porte sendo utilizado um questionário com 11 perguntas abertas as quais foram gravadas e transcritas para serem analisados. Foram criados cinco quadros para traçar o perfil dos entrevistados, o histórico ocupacional dos enfermeiros, averiguar aspectos psíquicos relacionados ao trabalho progresso e atual destes profissionais bem como refletir sobre atividades de promoção à saúde mental e trabalho, onde as sugestões vieram a partir das necessidades que o profissional enfermeiro observa em seu cotidiano de trabalho e que podem vir a reduzir o adoecimento ou o sofrimento psíquico em seu ambiente de trabalho. Na análise fica evidente que muitas vezes o trabalho é gerador de sofrimento psíquico e muitas vezes não está associado ao prazer e sim a uma necessidade. Constatamos também que saúde mental e trabalho são muito pouco visto nas instituições e podemos observar que muito dos profissionais não tem real conhecimento do que se trata esse assunto, onde muitos não conseguem identificar sinais ou sintomas que podem levar ao adoecimento e ao sofrimento psíquico bem como atividades que a instituição traz ou poderia trazer como forma de prevenção ao adoecimento psíquico de seus trabalhadores. Assim, muito se vê falar sobre saúde mental e trabalho, mas o conhecimento sobre o tema mostra-se limitado e as ações de prevenção e promoção à saúde mental são escassas e muitos profissionais não buscam informações referentes ao assunto nem de como promover sua saúde mental no trabalho.

Palavras-chaves: Saúde do Trabalhador; Sofrimento Psíquico Relacionado ao Trabalho; Enfermeiros.

ABSTRACT

The following research has investigated the possible aspects that cause psychic suffering related to nurse workers in a hospital environment, with the intent to get to know the profile of these workers, and also signals and symptoms they may be showing. It is about a study with a quantitative and qualitative approach, interviewing 20 nurses from different sectors inside a hospital, and to be collecting data it was utilized a quiz with 11 open-ended questions that were recorded and transcribed for analysis. Five tables were created to trace the profile of the interviewees, the occupational history of the nurses, to ascertain psychic aspects related to the previous and current work of these professionals as well as to reflect on activities to promote mental health and work, where the suggestions came from the needs that The professional nurse observes in their daily work and that can reduce the illness or suffering in their psychic work environment. In the analysis it is evident that work is often a generator of psychic suffering and is often not associated with pleasure but with a need. We also note that mental health and work are very little seen in institutions and we can observe that many of the professionals have no real knowledge of what this subject is about, where many can not identify signs or symptoms that can lead to illness and psychic suffering as well Activities that the institution brings or could bring as a form of prevention to the psychic illness of its workers. Thus, much is seen about mental health and work, but knowledge about the subject is limited and actions to prevent and promote mental health are scarce and many professionals do not seek information on the subject or how to promote their mental health at work.

Keywords: Worker's Health; Psychic Suffering Related to Work; Nurses.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O perfil dos entrevistados	21
Quadro 2 – Histórico ocupacional do profissional enfermeiro	22
Quadro 3 – Aspectos psíquicos relacionados ao trabalho pgresso dos profissionais enfermeiros	25
Quadro 4 – Aspectos psíquicos relacionados ao trabalho atual dos profissionais enfermeiros	28
Quadro 5 – Atividades de promoção à saúde mental	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	9
2.1	Objetivo geral	9
2.2	Objetivos específicos	9
3	JUSTIFICATIVA	10
4	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
4.1	O trabalho dos profissionais da enfermagem	11
4.2	Trabalhar com o limite entre a vida e a morte	12
4.3	Fatores predisponentes para o sofrimento psíquico nos profissionais da enfermagem	14
4.4	Agravos psíquicos relacionados ao trabalho apresentados pelos profissionais enfermeiros	15
4.5	Síndrome de <i>Burnout</i> relacionado ao trabalho do enfermeiro em ambiente hospitalar	17
5	METODOLOGIA	19
5.1	Tipo de pesquisa	19
5.2	Local da pesquisa e sujeitos do estudo	19
5.3	Instrumento para coleta de dados	20
5.4	Análise dos dados e divulgação dos dados	20
5.5	Procedimentos operacionais éticos	21
6	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A – Questionário	40
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	41
	APÊNDICE C – Carta de aceite da instituição	43
	APÊNDICE D – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	44

1 INTRODUÇÃO

O cotidiano hospitalar é um grande gerador de sofrimento psíquico, onde se vivenciam momentos de alegrias e conquistas, mas também de estresse, cansaço, conflitos tanto em equipe como com usuários do serviço podendo assim, o trabalho da enfermagem ser prazeroso, mas também de sofrimento, trazendo um desgaste à saúde física e mental, onde o trabalho no ambiente hospitalar acaba sendo marcado como penoso e insalubre para todos os membros da equipe (AVELLAR; IGLESIAS, 2007).

Os profissionais de enfermagem devem estar preparados para lidar com as situações de morte, enquanto a sociedade pensa na saúde, na vida e na mocidade, a morte é um assunto em geral evitado e muitas vezes negado, mesmo quando iminente. Neste momento, os enfermeiros, pacientes e familiares passam por modificações psicológicas que envolvem negação, impotência, raiva, depressão até a aceitação. É nesta hora que o enfermeiro comumente se sobrecarrega tendo que lidar com o seu sofrimento e com o sofrimento do outro, pois seu papel é direcionado à preservação da vida, a aliviar o sofrimento das pessoas, dar conforto aos pacientes e proporcionar consolo aos seus familiares.

Como relatam os autores, o papel do enfermeiro é ajudar o paciente em todos os momentos, dando apoio emocional, atenção, respeitando seus sentimentos e limitações, tendo em mãos uma responsabilidade muito grande, ainda ter que lidar com suas próprias emoções, sendo outro conjunto de fatores que pode levar ao sofrimento psíquico relacionado ao trabalho (BERNARDES; GASDA, 2008).

Além disso, no ambiente hospitalar o enfermeiro convive com outros fatores que acabam interferindo nas suas condições de trabalho. Podendo ser observado os constantes avanços tecnológicos, altos índices de procedimentos variados, a exigência de conhecimento e constantes atualizações e capacitações, além do estresse, conflitos entre pacientes, familiares e equipe de trabalho, falhas na comunicação, entre diversos outros fatores que formam um conjunto de situações que acabam trazendo risco à saúde física e mental dos trabalhadores de saúde (PAULA; REIS, 2010).

Cabe ressaltar que os profissionais de enfermagem estão entre os profissionais mais suscetíveis a desenvolver problemas psíquicos, por conviver com pessoas que dependem de sua ajuda, conviver com situações de morte, atenção constante, com a necessidade de agilidade na realização de atividades, identificar as necessidades de cada usuário além do cuidado individualizado (GOMES; OLIVEIRA, 2013).

Conforme Paula e Reis (2010), na grande maioria das vezes a equipe de enfermagem não percebe os riscos e problemas de saúde em que estão expostos, não conseguindo detectar sintomas e situações que podem estar associadas às doenças, podendo estas, estar comprometendo seu humor, estilo de vida e influenciando no trabalho. Onde o trabalho da enfermagem, é uma realidade de trabalho cansativo, desgastante, de sofrimento e muitas vezes se trabalha sob pressão constante.

O sofrimento psíquico relacionado ao trabalho vem aumentando e levando ao adoecimento e conseqüentemente ao afastamento do trabalho, sendo assim, em um futuro próximo, o afastamento por doenças mentais relacionadas ao trabalho tende a superar os afastamentos por doenças cardiovasculares e osteomusculares (SEEMANN; GARCEZ, 2012).

Diante deste contexto delicado foi de grande importância realizar um estudo com os profissionais enfermeiros referente ao sofrimento psíquico em seu ambiente de trabalho pois o ambiente hospitalar é um espaço de trabalho que exige muito destes profissionais, além de saber identificar os sinais de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho e os fatores que podem estar provocando o adoecimento. Para isto, é necessário que a instituição conheça cada profissional, seus limites e potencialidades e as demandas individuais de cada setor para propor ações a fim de evitar ou amenizar os fatores que causam o sofrimento psíquico e conseqüentemente o adoecimento do profissional enfermeiro.

Assim, este estudo pretendeu observar o perfil dos profissionais enfermeiros e identificar possíveis sinais e sintomas de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho em profissionais de enfermagem de uma unidade hospitalar, além dos fatores que possam desencadear sofrimento e até mesmo adoecimento no trabalhador enfermeiro. Diante desta busca podemos pensar em estratégias para melhorar as condições de trabalho trazendo um bem-estar físico e mental para os profissionais da enfermagem e qualificando suas ações em saúde, onde estes também trazem ideias e observações em seu ambiente de trabalho.

Desta maneira, este estudo teve como pergunta de pesquisa: Os profissionais de enfermagem que atuam no ambiente hospitalar apresentam sintomatologia de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho? Quais fatores que acabam contribuindo para o adoecimento psíquico ocupacional?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar possíveis sinais de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho dos enfermeiros que atuam em ambiente hospitalar.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer o perfil dos profissionais de enfermagem do estudo;
- Identificar sinais e sintomas de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho nos profissionais de enfermagem que atuam no ambiente hospitalar;
- Identificar fatores desencadeadores do sofrimento psíquico em profissionais de enfermagem que atuam no ambiente hospitalar;
- Conhecer quais situações geradoras de sofrimento psíquico no ambiente hospitalar para o profissional enfermeiro;
- Levantar junto aos entrevistados possíveis ações e medidas preventivas para este agravo.

3 JUSTIFICATIVA

A área da saúde possui um grande número de trabalhadores, em especial os enfermeiros que atuam nos setores públicos e privados e dos diversos fatores em que se encontram expostos, situações as quais lhes exigem conhecimento, responsabilidades, tomada de decisões, agilidade, resolutividade tanto de problemas entre a equipe quanto com os usuários, devendo estar preparado para as diferentes situações sempre expostos em ambientes estressores como a área da saúde.

Observando este conjunto de fatores que acompanha a realidade dos profissionais de enfermagem, que também variam de acordo com o setor que atuam na unidade hospitalar, na qual vivenciam um cotidiano bastante movimentado, vivenciam diversas situações, tanto de alegrias e conquistas, como também de tristeza, estresse, cansaço, conflitos sendo estas situações que acabam influenciando na saúde, na vida e no trabalho, podendo levar a um sofrimento psíquico e prejudicar a qualidade de vida pessoal e profissional do enfermeiro, comprometendo também a qualidade do serviço prestado.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 O trabalho dos profissionais da enfermagem

Quando pensamos em trabalho imaginamos algo que seja prazeroso e que seja algo que o indivíduo escolheu para ser sua profissão e com ela pretende atingir suas metas e realizar seus sonhos, sendo então algo que goste e traga satisfação profissional e pessoal.

Assim, sabemos que no passado, trabalhar representava apenas uma ocupação básica e significava gratificação e realização, onde as pessoas trabalhavam apenas para suprir suas necessidades. Mas com o passar dos anos e devido ao crescimento tecnológico e também as demandas aumentadas há muita competitividade e assim as organizações passaram a exigir mais dos trabalhadores, o que transformou o ambiente de trabalho em um espaço que já não proporciona mais a satisfação pessoal. Hoje, no mundo em que vivemos, os profissionais buscam uma maior realização de seus desejos, riqueza e sucesso material através do seu trabalho, onde muitas vezes essas expectativas não são alcançadas, o que leva a frustração, ansiedade, isolamento, estresse e sofrimento psíquico dos trabalhadores (LIMA; VIEIRA, 2009).

Diante disto, Lima e Rêgo (2014) dizem que os enfermeiros têm como responsabilidade prestar assistência na sua profissão, onde o processo de cuidar se dá em diferentes dimensões, trabalhando com a promoção, prevenção, reabilitação e recuperação em saúde. O hospital acaba sendo um ambiente específico para a assistência, tendo atenção e cuidados prestados para diversas especialidades, fases da vida e grau de criticidade, sendo assim, o emocional do profissional acaba sendo afetado, lidando com diferentes situações estressantes.

O trabalho no ambiente hospitalar envolve aspectos físicos e psíquicos, podendo então representar equilíbrio, satisfação, e evolução no trabalho, como também podem causar tensão, desânimos e conseqüentemente adoecimento do trabalhador (KIRCHHOR; MAGNAGO, 2009).

Conforme Kirchor e Magnago (2009), questões que envolvem a produtividade, acidentes de trabalho, cobranças em excesso, absenteísmo e os crescentes índices de sintomas psíquicos entre os trabalhadores de determinadas categorias profissionais vem sendo estudadas. Entre elas, destacam-se os trabalhadores da área da saúde que atuam no ambiente hospitalar, tendo em vista o desgaste e estresse em seu cotidiano.

Muitas vezes os profissionais de enfermagem se deparam com situações em seus atendimentos e acabam se frustrando, quando percebem que podem fazer muito mais pelo

paciente, mas alguns fatores não permitem. Estas situações se fazem presentes na profissão, onde o profissional sente vontade em impor seus direitos, mas ao mesmo tempo não quer prejudicar o paciente e a qualidade da assistência com conflitos externos (GOBBI; DURMAN, 2010).

As mudanças na organização do trabalho, as novas tecnologias e métodos gerenciais que vem facilitando a intensificação do trabalho e acarretando grandes prejuízos aos trabalhadores, onde os mesmos são sabem lidar com as novas tecnologias e acabam se sobrecarregando, modificando o perfil de adoecimento e de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, onde o hospital é considerado um contexto que apresenta como penoso e de risco ocupacional, por apresentar excessiva carga de trabalho e situações afetuosas, que levam a conflitos e momentos de tensão, além da exigência de turnos e de plantões, o que permite para duplos empregos e até mesmo longas jornadas de trabalho (MONTEIRO, 2012).

Além disso, o contato constante com pessoas adoecidas, gravemente feridas, pacientes terminais, também o fluxo contínuo de atividades que envolvem diversas tarefas, exposição a riscos biológicos, fatores ergonômicos, momentos de tensão, agilidade, nervosismo, conjunto de atividades e competências que os profissionais vivem em seu cotidiano são sérios agravantes neste processo de trabalho. Muitos dos profissionais de enfermagem acabam desenvolvendo algum mecanismos de defesa para conseguirem desenvolver suas atividades diárias, onde esses mecanismos podem acarretar estresse e estar contribuindo para agravos e danos à saúde do trabalhador, em especial o sofrimento psíquico (SEEMANN; GARCEZ, 2012).

4.2 Trabalhar com o limite entre a vida e a morte

Trabalhar com a vida e a morte são questões inerentes da profissão enfermagem. Entretanto nem sempre estas situações são aceitas com naturalidade e sem sofrimentos ao trabalhador, onde acaba se envolvendo para a resolução dos problemas o que acaba mexendo com seu emocional.

Profissionais de enfermagem estão expostos em um cotidiano onde encaram diversas situações e constantes desafios, lutando diariamente pela vida e contra a morte, tomando para si a responsabilidade de salvar, curar ou aliviar, sempre estando próximos nos momentos difíceis e é o profissional quem o paciente e a família busca quando necessita de esclarecimentos e cuidados (SOUSA; SOARES, 2009).

Sendo assim, o profissional enfermeiro tem que lidar com o sofrimento, com a angústia e com os temores que podem surgir nas diferentes situações em seu ambiente de trabalho, além de saber lidar com os sentimentos dos outros, saber lidar com suas próprias emoções, sentimentos de medo, insegurança, trabalho em que lhes exige muito onde convivem com o sofrimento alheio, que acaba levando ao sofrimento psíquico do profissional (SOUSA; SOARES, 2009).

Em certos setores hospitalares, por exemplo, as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), é necessário aperfeiçoamento material e humano para o atendimento a pacientes em estado crítico, sendo um local que exige grande especialização e conhecimento das tecnologias. Os trabalhadores que atuam nessas unidades podem se defrontar com situações onde as decisões definem o limite entre a vida e a morte das pessoas, devendo estar sempre em estado de alerta para qualquer situação de urgência. Sendo um ambiente de rotinas rígidas, exigindo agilidade e responsabilidade nos atendimentos, os quais influenciarão no cuidado e recuperação do paciente (MONTEIRO, 2012).

Apesar das tecnologias e a ampla linha de medicações que existem e que permitem o prolongamento da vida, é indispensável que o profissional esteja preparado para o processo de morte e morrer e que esta é uma fase da vida. É necessário saber lidar com esses pacientes e suas necessidades, compreender suas reações e comportamentos, e que mesmo assim, fazendo parte do cotidiano, a morte causa um grande temor e dificuldade em lidar perante essas situações (KUSTER; BISOGNO, 2010).

O processo de morte desperta vários sentimentos onde cada profissional reage de uma maneira, muitos se sentem impotentes diante da perda, fracasso nos cuidados, onde o intuito é sempre salvar o indivíduo, minimizar o seu sofrimento e também dos familiares (KUSTER; BISOGNO, 2010).

Conforme Freitas e Banazeski (2016), a equipe de enfermagem é a mais próxima nas situações críticas e também na morte, é quem o paciente e as famílias procuram, quando tem dúvidas quando precisam de amparo, cuidados físico e psicológico. Sendo assim, o profissional enfermeiro deve saber lidar com o sofrimento, momentos de aflição e receios onde o enfermeiro além de conhecer as técnicas e a doença, deve também ter habilidades em lidar com sentimentos e emoções para que seus cuidados se tornem eficazes, mesmo sabendo que as vezes não há probabilidade de cura.

Muitos dos profissionais da área da saúde se distanciam desse tipo de situação como mecanismo de defesa e não enfrentam a morte, nem buscam discutir sobre o assunto. No entanto, sabemos que o profissional deve conhecer os processos da morte e do morrer, para

que sua assistência seja de qualidade, buscando a integralidade e uma atenção humanizada ao cuidado prestado ao paciente criando maior vínculo entre o paciente e a família, mas que nem sempre está preparado para isso (FREITAS; BANAZESKI, 2016).

4.3 Fatores predisponentes para o sofrimento psíquico nos profissionais da enfermagem

O trabalho no ambiente hospitalar, conforme apontado em estudos, cita a enfermagem como uma das ocupações com riscos elevados para o desgaste e adoecimento, onde o profissional enfermeiro está exposto a vários fatores que podem provocar o adoecimento assim como sofrimento psíquico, decorrente do próprio ambiente de trabalho e de sua organização, que acabam evidenciados por sinais e sintomas que o profissional desenvolve, questões somadas ao estresse, dupla jornada de trabalho, a desvalorização, conflitos entre profissionais de outras categorias, envolvendo um conjunto de fatores (KIRCHHOR; MAGNAGO, 2009).

Conforme Monteiro (2012), alguns estudos apontam como fatores relacionados ao sofrimento psíquico no trabalho, principalmente nas UTIs onde o rígido controle do tempo, sem muitas pausas para descanso, a forma de como o setor é organizado o excesso de ruídos, estado crítico de saúde dos pacientes e muitas vezes em fase terminal, conflitos entre equipe e familiares do paciente, o trabalho nos finais de semana e feriados, a utilização inadequada dos equipamentos de proteção individual.

O sofrimento dos trabalhadores de enfermagem está relacionado na maioria das vezes a aspectos que não dependem somente deles, como falta de leitos, recursos financeiros de pacientes, a falta de materiais, entre outros, e quando o trabalhador assume estes problemas como somente seus, acaba gerando uma sobrecarga de responsabilidade, onde estas deveriam ser compartilhadas com a instituição e os demais trabalhadores. Além da sobrecarga de trabalho e longas jornadas de trabalho, ainda tem o espaço físico inadequado como a ventilação e iluminação deficientes, a falta de materiais e equipamentos para se trabalhar com segurança sendo muitas vezes usado o improvisado, a permanência de longos períodos na mesma posição ou em movimentos bruscos, a manipulação com medicamentos e produtos sépticos, contato com pacientes infectados, a convivência com a morte e o sofrimento do outro, conjunto de fatores que levam ao sofrimento psíquico e muitas vezes ao adoecimento (GOBBI; DURMAN, 2010).

Muitos fatores são geradores de sofrimento psíquico e estresse no meio ambiente de trabalho, como os aspectos da organização, as exigências, administração e sistema de trabalho e relacionamento entre membros da equipe e pacientes (SEEMANN; GARCEZ, 2012).

No mundo inteiro trabalhadores da saúde são constituídos por diversos e numerosos tipos de profissionais, entre eles o enfermeiro, onde tem obrigações e riscos em que estão expostos. Sendo então de grande importância a humanização no trabalho do profissional para obter uma boa atenção aos pacientes, profissionais na qual são exigidas muitas responsabilidades, mas para isto é necessária uma atenção especial à sua própria saúde, onde antes de cuidar do outro devem estar de bem consigo mesmo. Poucos dos profissionais se preocupam com sua própria saúde, muitos se concentram apenas no aperfeiçoamento de suas atividades, em adquirir conhecimentos técnicos, uso de equipamentos e fármacos, buscando sempre melhoria na assistência e esquecendo seu próprio cuidado, principalmente em relação aos inúmeros riscos em que estão expostos, na qual o ambiente hospitalar é um local insalubre, tendo riscos físicos, químicos, fisiológicos, psíquicos, mecânicos entre diversos outros (SILVA; PINTO, 2012).

4.4 Agravos psíquicos relacionados ao trabalho apresentados pelos profissionais enfermeiros

Conforme Kirchor e Magnago (2009), os distúrbios psiquiátricos menores, são utilizados para designar quadros com sintomas ansiosos, depressivos, Síndrome de *Burnout*. Sendo estes, cada vez mais observados entre os trabalhadores de enfermagem, caracterizando-se como um problema de saúde pública. Tristeza, ansiedade, fadiga, diminuição da concentração, preocupação, irritabilidade e insônia são alguns dos sintomas relatados por profissionais da enfermagem.

Estudos tem mostrado a relação do trabalho com saúde e doença, visto que este pode ser gerador tanto de satisfação e prazer, quanto de insatisfação e sofrimento. A forma como o trabalhador vivencia ou realiza o seu trabalho será resultado da saúde ou da doença. Espera-se que todo o trabalho cause satisfação, seja algo prazeroso e de auto realização entre outros fatores que levam à autoestima, mas nem sempre é isso que ocorre. Muitos trabalhadores não têm a oportunidade de escolher o tipo de trabalho que gostariam, tendo muitas vezes que assumir um cargo contra sua vontade, o que acaba levando a insatisfação e sofrimento no ambiente de trabalho (GOBBI; DURMAN, 2010).

O afastamento por transtornos mentais e comportamentais se tem em 15,3%, sendo a análise por dias de afastamento, obtiveram 246 dias de afastamento, sendo o segundo maior caso de afastamento depois das doenças do sistema osteoconjuntivo (MININEL Et all, 2010).

O sofrimento psíquico mostrou dados relevantes, sendo responsável também a organização precária do trabalho, do assédio moral, pressão organizacional, supervisão restrita, falta de autonomia, abuso do poder e ausência de defesas coletivas. Situações que acabam prejudicando a saúde do trabalhador e levando à alterações psíquicas, como sono e insônia, gastrite, elevação da pressão arterial, ansiedade, insegurança, depressão e estresse (MININEL et al, 2010).

O corpo humano reage de diversas formas em relação ao trabalho, tanto pelo prazer e satisfação, como também pela dor, adoecimento, desgaste, sofrimento mental e físico, onde estes acabam desencadeando incapacidades como o absenteísmo, aposentadoria precoce e até a morte entre os profissionais de enfermagem, onde o mesmo, na maioria das vezes não está ciente dos riscos e fatores em que está exposto no seu ambiente de trabalho (MININEL et al, 2013).

A sobrecarga de trabalho e os efeitos da exposição como o absenteísmo, os processos de desgastes, as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho ocasionados na equipe de enfermagem, nos diferentes ambientes e condições de trabalho. Onde as instituições empregadoras deveriam estar dispostas a investir em recursos para interromper ou minimizar o processo de exposição ocupacional, adoecimento e sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, sendo com ações que promovam a qualidade de vida no trabalho (MININEL et al, 2013).

Muitas vezes, por necessidade de manter um padrão social e financeiro, os profissionais mantêm um ritmo rigoroso de trabalho, não sabendo lidar com as tecnologias do mundo moderno e se sobrecarregando com grande demanda de atividades, trabalhando em vários turnos, desta forma levando ao estresse, distúrbios mentais, neurológicos, gastrintestinais, psiquiátricos e diversos outros problemas de saúde, problemas estes que só vem aumentando a cada dia entre os profissionais da área da saúde, os quais se preocupam em cuidar do outro, desenvolver suas atividades e esquecendo-se da sua própria saúde (SEEMANN; GARCEZ, 2012).

Desta forma, os sintomas de estresse variam de pessoa para pessoa, podendo apresentar sintomas físicos, como reações excessivas, perda de peso, sono irregular, problemas respiratórios, podendo também apresentar sofrimento mental, depressão, extroversão, desânimo, oscilação de humor e comportamento (SEEMANN; GARCEZ, 2012).

Sendo assim, um conjunto de fatores que podem interferir na qualidade de vida destes profissionais, dificuldade na interação social, no desenvolvimento de suas atividades, relacionamento familiar e no trabalho, a falta de motivação, afastamento do trabalho, doenças físicas e psíquicas (SEEMANN; GARCEZ, 2012).

4.5 Síndrome de *Burnout* relacionado ao trabalho do enfermeiro em ambiente hospitalar

O termo inglês *Burnout* significa “queimar-se” ou “consumir-se”, sendo empregado para caracterizar um conjunto de sintomas predominantemente evidenciados em profissionais que lidam com pessoas, onde os mais acometidos são os professores, enfermeiros os quais se queixam de esgotamento físico e mental, irritabilidade, perda do interesse pelo trabalho. (TAVARES, 2014).

Conforme Lima e Vieira (2009) a Síndrome de *Burnout* caracteriza-se por uma tensão emocional e estresse ocupacional crônico que leva a desmotivação e insatisfação ocupacional e conseqüentemente adoecimento psíquico. Rezende (2012) diz que a Síndrome de *Burnout* é gerada a partir do contato excessivo e estressante no ambiente de trabalho, o que acaba repercutindo na saúde física e mental do trabalhador, gerando sentimentos de frustração, dificuldades de concentração, atenção e capacidade de supervisão do enfermeiro.

Profissionais de enfermagem em seu cotidiano de trabalho vivenciam momentos de dor, morte, sofrimento, desespero, ansiedade, irritabilidade, incompreensão, entre outros sentimentos resultantes do processo doença e que geram conflitos com equipe, pacientes e seus familiares. No cotidiano de trabalho dos profissionais de enfermagem existem diversos estressores psicossociais, onde podem estar relacionados ao trabalho e também ao contexto social e emocional, e quando estes se tornam persistentes, podem provocar a Síndrome de *Burnout* que é considerado um tipo de estresse ocupacional (LIMA; VIEIRA, 2009).

O trabalhador enfermeiro perde o sentido de sua relação com o trabalho, as atividades laborais deixam de ser importantes e qualquer esforço lhe parece inútil, indicando um colapso, que sobrevém após a utilização de toda a energia disponível, e deste modo observa-se que a síndrome de *Burnout* decorre de uma cronificação do estresse ocupacional, o qual tem conseqüências negativas para sua saúde e o desempenho de suas atividades laborais (TAVARES, 2014).

Levando assim, o profissional a ter sentimentos e atitudes negativos sobre sua profissão e também no ambiente de trabalho, sentimentos como insatisfação, desgaste e perda do comprometimento, prejudicando seu desempenho, trazendo assim conseqüências para si

mesmo como baixa produtividade, falta de interesse, o absenteísmo e até o abandono do emprego, além de prejudicar a equipe e usuários. Trabalho dos profissionais da saúde em que lhes exige responsabilidade pela vida das pessoas, onde é inevitável a sobrecarga de trabalho, dedicação, atenção, e exigência de cuidados individualizados, sendo assim é inevitável também o estresse, sofrimento psíquico, podendo diminuir a qualidade de vida pessoal e profissional, as relações interpessoais e resultando até mesmo em *Burnout* devido ao desgaste profissional (LIMA; VIEIRA, 2009).

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

Este estudo trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva, utilizando também o método quantitativo e qualitativo.

Conforme Gerhardt (2009) a pesquisa do tipo exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema e local da pesquisa, desenvolvendo hipóteses e também esclarecer conceitos. Onde na grande maioria dessas pesquisas envolve o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, analisando e buscando resultados referentes ao pesquisado.

Referente à pesquisa descritiva, onde requer uma série de informações sobre o que pretende se pesquisar e descrever características de uma determinada população ou fenômeno. Sendo usadas como técnica de coleta de dados, questionários, escalas e entrevistas, podem ser subjetivas, apenas quantificáveis, gerando imprecisão. Na pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, e sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT, 2009).

A pesquisa qualitativa tem como características a objetivação do fenômeno, buscando descrever e compreender melhor o problema a ser pesquisado, buscando resultados mais fidedignos possíveis. Sendo na pesquisa quantitativa, os resultados podem ser quantificados, sendo as técnicas de coleta de dados através de entrevistas, questionários, observação, testes, e os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa, centrando-se na objetividade, onde a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados obtidos na pesquisa (GERHARDT, 2009).

5.2 Local da pesquisa e sujeitos do estudo

O presente estudo foi realizado nos diferentes setores de um hospital de médio porte que é o principal centro de saúde do Vale do Rio Pardo, possuindo cerca de 23 mil metros quadrados de área construída, 234 leitos, cerca de 900 funcionários distribuídos em quatro turnos de trabalho onde 95 destes são profissionais enfermeiros.

A coleta dos dados foi realizada nos setores da Unidade de Terapia Intensivo Adulto e Neonatal, Pronto Atendimento, Bloco Cirúrgico, Pediatria, Centro Obstétrico, Ambulatório, Centro de Diagnóstico por Imagem, Comissão de Controle de Infecção e Epidemiologia Hospitalar (CCIH), e clínicas de internação com o intuito de poder observar os diferentes níveis de sofrimento psíquico conforme o setor em que o profissional atua.

Onde os sujeitos entrevistados foram profissionais de enfermagem que atuam nos diferentes setores do hospital citado e tendo como critério para participar da pesquisa, estar em atuação na instituição por um período de no mínimo 12 meses e aceitar participar voluntariamente da pesquisa. Foram convidados 30 profissionais enfermeiros a participar voluntariamente da pesquisa, onde apenas 20 profissionais aceitaram participar da entrevista onde foi aplicando um questionário com perguntas abertas com o intuito de verificar possíveis casos de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, observando também possíveis sinais e sintomas que possam estar apresentando, e que podem estar prejudicando sua vida no ambiente de trabalho e também na vida pessoal.

5.3 Instrumento para coleta de dados

A coleta de dados ocorreu no período de agosto e setembro de 2016, sendo utilizado como instrumento para coleta de dados uma entrevista semiestruturada baseado em um questionário (APÊNDICE A) composto por 11 perguntas abertas elaboradas pela pesquisadora e relacionadas aos objetivos da pesquisa. Neste estudo foi preservada a identidade dos profissionais entrevistados.

5.4 Análise dos dados e divulgação dos dados

Após a realização da coleta de dados, por meio de uma entrevista semiestruturada, os mesmos foram organizados, analisados e interpretados, através de uma análise de conteúdo, sendo usada também estatística simples. Moraes (1999) fala que um método muito utilizado na análise de dados é a análise de conteúdo que é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática quantitativa e qualitativa.

A análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo, tendo como matéria-prima da análise qualquer material podendo ser de comunicação verbal ou não verbal, como cartas, jornais, informes, entrevistas, gravações, vídeos, entre outros (MORAES, 1999).

No entanto, estes dados chegam ao pesquisador em estado bruto, sendo necessária a organização dos mesmos para facilitar o trabalho de compreensão e interpretação das informações coletadas (MORAES, 1999).

Ao finalizar a pesquisa, os resultados serão divulgados por meio de uma apresentação pública em dezembro de 2016, através da Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

5.5 Procedimentos operacionais éticos

A instituição envolvida na pesquisa foi um hospital de médio porte, onde a pesquisadora realizou contato com a instituição através de um formulário específico solicitando a realização da pesquisa juntamente com o projeto de pesquisa já pronto, apresentando o que pretendia realizar assim como os objetivos. Após a aprovação oficializada da instituição (APÊNDICE C), foi realizado o encaminhamento do projeto juntamente com os documentos necessários ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) onde foi aprovada através do número 073451/2016 (APÊNDICE D), sendo então realizada a coleta de dados.

Os sujeitos envolvidos receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) o qual foi assinado em duas vias, onde uma via ficará com a pesquisadora e outra com o entrevistado. Cabe salientar que a identidade do profissional entrevistado será preservada, usando apenas as iniciais e/ou nomes fictícios para a caracterização na realização do estudo.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A organização dos dados coletados gerou a criação de cinco quadros para análise, sendo eles: Quadro 1 - O perfil dos entrevistados; Quadro 2 - Histórico ocupacional do profissional enfermeiro; Quadro 3 - Aspectos psíquicos relacionados ao trabalho pregresso dos profissionais enfermeiros; Quadro 4 - Aspectos psíquicos relacionados ao trabalho atual dos profissionais enfermeiros; Quadro 5 - Atividades de promoção à Saúde Mental. Estes quadros foram divididos conforme as variáveis que contemplam os objetivos da pesquisa.

Quadro 1 - O perfil dos entrevistados (n = 20)

Variável	Número	%
Faixa Etária		
20 – 30	7	35%
30 – 40	10	50%
>40	3	15%
Sexo		
F	20	100%
M	-	-
Estado Civil		
Casada	11	55%
Solteira	6	30%
União Estável	2	10%
Divorciada	1	5%

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Diante dos 20 enfermeiros entrevistados observa-se que a faixa etária predominante é dos 30 aos 40 anos de idade 50% dos entrevistados, além de o gênero feminino ser predominante. Observou-se também que 55% dos profissionais enfermeiros entrevistados são casadas.

Conforme a pesquisa realizada por Santos (2010), onde mostra também que o sexo feminino predomina na enfermagem, sendo também o maior número quando se trata de chefia e liderança onde quem mais assume esse papel na profissão é a mulher.

Desta forma podemos observar que não só no hospital onde foi realizada a pesquisa, mas também em vários hospitais do Brasil o gênero feminino predomina na área da enfermagem onde deste modo pode-se observar a predominância do sexo feminino e tendo como faixa etária entre 31 e 50 anos (NÓBREGA, 2008).

Matos (2013) diz em seu estudo que a enfermagem foi à primeira profissão feminina universitária no Brasil, sustentando programas de saúde pública e garantindo também o

funcionamento dos serviços de saúde. Os dados no Brasil também revelam que as mulheres constituem a maioria dos estudantes de nível superior, só na enfermagem são 90,4%.

Diante do estudo realizado por Gomes (2013), mostra que a idade média é de 30 a 81 anos e também tem como predominância o sexo feminino, dizendo também que a enfermagem é uma profissão essencialmente feminina, estando relacionada com o ato de cuidar do outro. E quanto ao estado civil, grande maioria são casadas ou vivem com o companheiro e residem com familiares.

Quadro 2 – Histórico ocupacional do profissional enfermeiro (n=20)

Variável	Número	%
Tempo de formação		
1 – 5	7	35%
6 – 10	6	30%
11 – 20	7	35%
Tempo de atuação da instituição		
1 – 5	9	45%
6 - 10	6	30%
11 – 20	4	20%
Trabalhou em outras instituições		
Sim	13	65%
Não	7	35%
Locais de trabalho anteriores		
Hospital	12	60%
Saúde Pública	6	30%
Clínica	1	5%
Laboratório	1	5%

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

O histórico ocupacional dos profissionais enfermeiros entrevistados, 35% tem entre 1 a 5 anos de formação e 35% tem de 11 a 20 anos de formação, onde 45% dos enfermeiros atuam na instituição menos de cinco anos.

Diante do estudo realizado por Gomes (2013), a maioria dos enfermeiros entrevistados possuía até cinco anos de formação e de 6 a 10 anos, sendo poucos os que teriam mais de 10 anos de formação.

Santos (2010), em sua pesquisa mostra que enfermeiros com menos de quatro anos de formação, são considerados como recém-formados que teriam maior dificuldade e insegurança no mercado de trabalho e na realização de suas funções e que vão aprender na prática com seus próprios erros e acertos e 50% tem um tempo de formação maior que 10 anos considerando estes com maior experiência.

Onde o primeiro emprego é um passo desafiador que acompanha o profissional no começo do exercício da profissão. A necessidade de aprender, de ser apoiado, aceito e respeitado pela equipe são fatores muito presentes na adaptação dos profissionais e no primeiro emprego e que muitas vezes geram ansiedade e estresse sendo avaliada com um desafio e considerada uma ameaça, pois tudo é novo, surgem novas demandas e atitudes a serem tomadas (SOUZA, 2015).

Para os profissionais enfermeiros recém-graduados, a insegurança e o receio diante das inúmeras dificuldades é um desafio que se inicia com o processo admissional e continua com a sua adaptação ao serviço de saúde. Como podemos observar a fala da Enfermeira (A) onde relata quando iniciou na instituição como enfermeira, referente à questão sobre o aspecto psíquico do trabalho, se era melhor ou pior que no momento atual. Podemos observar na fala desta profissional que a falta de experiência gerou dificuldades no início de seu trabalho como enfermeira, o que levou a dizer que o aspecto psíquico era mais “complicado”.

“Era mais complicado, era o início de tudo, não tinha muita experiência”.
(Enfermeira A, 26 anos).

Ao entrar no mundo do trabalho, os enfermeiros recém-graduados se deparam com situações estressantes decorrentes da falta de ligação entre o que aprendem no curso de graduação e o que encontram na prática nas instituições de saúde. E assumir a liderança de toda uma equipe acaba sendo um dos maiores desafios e hoje o mercado de trabalho espera enfermeiros com qualidades diferenciadas, que saibam agir, tomar decisões, criatividade em solucionar problemas, saiba ser líder e se comunicar, e desta forma acaba gerando ansiedade, medo nos profissionais recém- formados, (SOUZA, 2015).

Quanto ao tempo de atuação no hospital, 46% atuam a menos de cinco anos, o que indica uma porcentagem considerável de profissionais com pouco tempo de atuação no hospital estudado na pesquisa de Gomes (2013).

Podemos observar nas entrevistas realizadas que muitos dos enfermeiros têm pouco tempo de formação, ou seja, menos de cinco anos, e grande maioria destes já tem sinais de ansiedade e estresse. Como pode ser observado no estudo realizado por Ignatti (2012), onde enfatiza tanto o surgimento quanto o aumento de incidência de agravos de origem psíquica em trabalhadores da enfermagem, como o stress, ansiedade, depressão, síndrome da fadiga crônica, formas diretas e indiretas de violência através de assédios e *Burnout*, geradores de licenças, absenteísmo e recorrências.

Com grande frequência os profissionais enfermeiros são alvos da descarga psíquica de médicos, pacientes e familiares em momentos de tensão, e que acaba acumulando, onde muitas vezes o enfermeiro sofre sozinho e em silêncio, e muitas vezes o sofrimento, a ansiedade, medo, estresse acabam refletindo no seu desempenho profissional, na equipe e na vida pessoal (IGNATTI, 2012).

Referente ao trabalho em outras instituições, 65% dos enfermeiros relatou que já atuou em outra instituição, onde 60% referiram ter atuado em outros hospitais, também apareceram como locais de trabalho a saúde pública, clínica e laboratório. Desta forma, pode-se observar nas falas que hoje a grande maioria se encontra satisfeita no seu trabalho e nas funções que exercem.

Na enfermagem, a questão de satisfação no trabalho tem um impacto muito grande, pois a tarefa básica atribuída é o cuidado e assistência do paciente. E quando o profissional de enfermagem se encontra insatisfeito ou desmotivado com o seu trabalho, seu comportamento certamente refletirá esses sentimentos negativos e irá comprometer a assistência, onde o profissional enfermeiro, pela sua posição dentro das instituições em posições de chefia ou coordenação, torna-se um elemento chave para a instituição (ANTUNES, 1996).

Quadro 3 – Aspectos psíquicos relacionados ao trabalho progresso dos profissionais enfermeiros (n=20)

Variável	Número	%
Sobre o trabalho anterior e a situação do momento atual		
Melhor	13	65%
Pior	7	35%
Principais causas de sofrimento no ambiente de trabalho		
Sobrecarga/ estresse	9	45%
Pressão/ cobranças	5	25%
Falta de Profissionalismo/ Relacionamento interpessoal	2	10%
Trabalhou onde não gostava	2	10%
Pouca experiência	2	10%
Histórico de sofrimento psíquico (n=20)		
Sim	8	40%
Não	12	60%
Teve diagnóstico (n=8)		
Sim	4	50%
Não	4	50%
Diagnóstico (n=4)		
Ansiedade	1	25%
Depressão	3	75%

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Sobre as questões referentes ao aspecto psíquicos relacionados ao trabalho progresso dos profissionais enfermeiros, comparando o seu trabalho anterior ou até mesmo com o

trabalho em que estão, mas em alguns anos atrás, com o momento atual em que estão e 65% referem às condições de hoje serem melhores, por estarem em um ambiente de trabalho que gostam, pelas tecnologias que tem a disposição, pela equipe, por conhecer os profissionais com quem atuam além de relatarem um estresse menor.

Deste mesmo modo, referente ao trabalho anterior com o momento em que vivem hoje 35% dos enfermeiros relatou que o momento atual está pior, referindo uma sobrecarga nas atividades, um estresse maior, a falta de funcionários e as cobranças serem cada vez maiores.

Apesar de muitos dos enfermeiros entrevistado referirem que hoje as condições estariam melhores e estarem apresentando um estresse bem menos, Gomes (2013), diz que os enfermeiros estão entre os profissionais mais suscetíveis aos problemas da saúde mental, pois dedicam a maior parte do seu tempo a indivíduos que necessitam de sua ajuda, tendo que ainda lidar com diferentes conflitos, cobranças e pressionados a resolverem os mais diversos problemas no seu ambiente de trabalho.

Mininel (2013), em sua pesquisa apontou desgastes e sobrecargas psíquicas decorrentes à exposição de diversas situações no ambiente de trabalho dos profissionais enfermeiros, resultando em sono e insônia, gastrite, elevação da pressão arterial, ansiedade, insegurança, depressão e estresse. Conforme a fala da Enfermeira (B), quando questionado se teve histórico de sofrimento psíquico anterior e também sinais e sintomas que tenha apresentado, referiu:

“Ano passado sim. Tive pressão alta, ham... tremores, insônia, sensação de aperto no peito e ansiedade.” (Enfermeira B, 23 anos)

Situações como a desorganização do ambiente de trabalho, na divisão das atividades, situações de assédio moral, pressão organizacional, supervisão restrita, falta de autonomia, abuso do poder, falta de comunicação, estresse e sobrecarga de atividades acabam com que a enfermagem se torne cada vez mais exposta ao sofrimento psíquico relacionado ao trabalho (MININEL, 2013).

Referente à questão das principais causas de sofrimento no ambiente de trabalho, pode-se observar que o que mais afeta a saúde mental dos profissionais com 45% das respostas é a sobrecarga de trabalho e o estresse.

Sendo relatados também como agentes causadores de sofrimento psíquico no ambiente de trabalho a pressão e as cobranças, a falta de profissionalismo com colegas de trabalho e também o relacionamento interpessoal, a questão de atuar em um setor que não se adaptou

e/ou que não gosta foi onde alguns relataram sofrimento e também o sofrimento relacionado com a pouca experiência na realização de suas atividades.

Na pesquisa feita por Gobbi (2010), mostra que entre os indivíduos pesquisados, 50% trabalham atualmente no setor de maior afinidade e 12,5% não trabalham no setor de maior afinidade.

Referente ao histórico de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho 40% dos enfermeiros referiu que já tiveram situações de sofrimento psíquico e 60% referiram que não tiveram histórico de sofrimento e/ ou que não consideravam um sofrimento psíquico.

Nas entrevistas realizadas podemos observar que muitos dos profissionais não têm um real entendimento sobre a saúde mental, não sabendo até que ponto os sinais e sintomas podem ser considerados alguma patologia.

Para Silva (2013) o cuidado de si precisa fazer parte do cotidiano do profissional constituindo-se como um estilo de vida e de cuidados. É preciso que o profissional tenha um olhar amplo e reflexivo de seu cotidiano de cuidado vislumbra-se que é preciso perceber a relação do cuidado do outro com o cuidado de si e suas interações no espaço de trabalho, pois o profissional enfermeiro não é apenas um corpo e sim um ser humano que sente, tem sentimentos, chora, tem sonhos, preocupações e uma vida fora do ambiente de trabalho. E assim o cuidado de si está intimamente relacionado à maneira como cada pessoa se percebe enquanto corpo, conhecendo seus limites e suas dificuldades, ara assim perceber quando algo ruim está afetando a sua saúde.

Entre os 40% que relataram histórico de sofrimento psíquico apenas 20% chegaram a ter um diagnóstico médico onde 75% dos profissionais tiveram diagnóstico de depressão e 25% diagnosticados com ansiedade.

Em um estudo feito por Vieira (2013) mostra que profissionais enfermeiros chegaram a ter um diagnóstico médico de depressão, sendo mencionado também a ansiedade e o estresse.

A ansiedade é a segunda doença de ordem psíquica mais citada pelos trabalhadores enfermeiros, podendo acarretar uma série de fatores, como dores, mudanças no apetite, palpitações, hipertensão, depressão, frustração, irritabilidade, desânimo, de relacionamento interpessoal, sensação de vazio (VIEIRA, 2013).

Este desequilíbrio pode ocorrer em virtude da pressão e do estresse oriundos do ambiente de trabalho, onde o trabalhador fica obcecado pela eficácia para ser aceito e não perder o emprego, onde ele mesmo acaba se cobrando (VIEIRA, 2013).

A ansiedade provoca sensações desagradáveis, como apreensão por vezes acompanhada de sintomas como cefaleia, palpitações, entre outros. Em nível leve, é um sinal de alerta e

capacita a pessoa a tomar medidas para prevenir que se agrave. Em casos mais avançados, pode afetar o pensamento, a memória e a percepção, produzir confusão mental e alterações no convívio interpessoal, comprometimento também no desempenho de suas atividades diárias (GOMES, 2013).

Na pesquisa feita por Gomes (2013), a combinação de sintomas de ansiedade e depressão resulta em um comprometimento funcional significativo para o indivíduo afetado, sendo que esta condição se situa nos limites de normalidade e não é considerada como um transtorno mental.

Mostrando ainda em sua pesquisa, em que o trabalho do profissional de saúde está associado ao ato de cuidar, curar, produzir o bem-estar, no entanto, na realidade hospitalar em que vivem se deparam com diversas limitações e desafios, onde estes quando não resolvidos de forma adequada podem vir a gerar ansiedade e também depressão (GOMES, 2013).

Quadro 4 – Aspectos psíquicos relacionados ao trabalho atual dos profissionais enfermeiros (n=20)

Variáveis	Número	%
Apresenta sintomas de sofrimento no momento		
Sim	11	55%
Não	9	45%
Sinais/ Sintomas (n=11)		
Ansiedade/ estresse	9	82%
Medo/ angustia	1	9%
Cansaço	1	9%
Uso de Medicação		
Sim	5	25%
Não	15	75%
Situações que mais afetam sua saúde mental hoje		
Conflitos/ relações interpessoais	10	50%
Falta de Profissionalismo	2	10%
Sobrecarga	3	15%
Cobranças	2	10%
Desorganização	1	5%
Falta de Comunicação	2	10%
Como lida com as situações de morte		
Bem/ Sabe separar	13	65%
Dificuldade (quando inesperado/ maior vínculo/ jovens e crianças)	7	35%

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Diante das questões sobre os aspectos psíquicos relacionados ao trabalho atual dos profissionais enfermeiros, 55% dos profissionais relataram apresentar sintomas de sofrimento

psíquico no momento. Onde 82% referem ansiedade e estresse em seu cotidiano de trabalho, sendo referido pelos profissionais o medo, angústia e cansaço.

Podemos observar em algumas das entrevistas realizadas, que a saúde mental bem como o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho vem sendo muito pouco trabalhado e visto, onde muitos dos profissionais têm dúvidas em relação às situações que envolvem a saúde mental, conforme diz a Enfermeira (C).

“Eu apresento o estresse do dia a dia do trabalho neh, ansiedade muitas vezes, então não sei se isso é considerado alguma patologia psiquiátrica, mas não procurei atendimento, pois vejo como um grau leve.” (Enfermeira C, 35 anos)

Diante do estudo realizado por Mininel (2013), onde apontou desgastes e sobrecargas psíquicas decorrentes à exposição de diversas situações no ambiente de trabalho dos profissionais enfermeiros, resultando em sono e insônia, elevação da pressão arterial, ansiedade, insegurança, depressão e estresse, como podem ser observados nas falas das Enfermeiras D e E:

“É, acho que um pouquinho de ansiedade a gente tem, porque nunca sabe o que vem amanhã, uma insegurança, medo.” (Enfermeira D, 53 anos)

“Há, é um pouco de ansiedade e também o estresse do dia a dia.” (Enfermeira E, 38 anos)

As condições de trabalho influenciam significativamente na saúde do trabalhador, podem comprometer sua saúde mental e o seu desempenho profissional, em decorrência de cotidiano estressante e exigente. Diante do estudo realizado por Martins (2003) onde pode observar que houve um alto nível de tensão, angústia e ansiedade entres os enfermeiros.

Dos profissionais entrevistados 25% fazem uso de medicação sendo citado o uso de ansiolíticos e antidepressivos.

“Faço, ansiolítico, fluoxetina, tomo à muitos anos.” (Enfermeira F, 36 anos).

“Faço, uso há... topiramato, há... fluoxetina e donarem.” (Enfermeira G, 28 anos).

Muitos dos trabalhadores da área da saúde para obter conforto diante de perturbações de ordem física ou psíquica recorrem ao uso de terapias medicamentosas, e muitas das vezes

utilizando a automedicação para tratamento do desconforto físico e psíquico do seu dia a dia de trabalho (VIEIRA, 2013).

No estudo feito por Vieira (2013), o uso de medicação psicoativa foi confirmado por 28,5% dos trabalhadores da enfermagem, sendo que a medicação mencionada com maior frequência foram os antidepressivos 12,2% e em seguida os benzodiazepínicos 6,1%.

Para justificar o uso destes medicamentos, os trabalhadores de enfermagem relacionaram o estresse causado pela agitação em seu ambiente de trabalho, o cansaço, a perda de familiares, cobranças e também sendo relatados sentimentos de tristeza, ansiedade, depressão e de não sentir-se bem sem a medicação (VIEIRA, 2013).

Diante das situações do cotidiano, entre as situações relatadas que mais afetam a saúde mental dos profissionais enfermeiros nos dias de hoje, foram relatadas diversas situações como conflitos, falta de profissionalismo, sobrecarga de trabalho, cobranças, desorganização no ambiente de trabalho e divisão de tarefas a falta de comunicação, e entre estes 50% relataram as situações de conflitos entre profissionais e também com pacientes e familiares as que mais afetam a saúde mental.

“Acho que são os conflitos com a equipe, colegas de trabalho, com pacientes. A exigência do dia a dia que familiares dos pacientes nos cobram. Tu conseguir manter tua equipe com tudo certinho, porque as relações interpessoais são bem complicadas.” (Enfermeira H, 35 anos)

O acúmulo de tarefas acaba fazendo com que o enfermeiro se obrigue a fazer trabalhos emergenciais, acaba apagando incêndios, o que gera um estresse e insatisfações no trabalhador. O profissional enfermeiro, na falta de outro profissional, acaba realizando atividades que muitas vezes não são de sua atribuição, onde sempre o enfermeiro é solicitado para suprir tais necessidades, não deixando de executar sua função e assim sobrecarregando-o (GOBBI, 2010).

“Eu acho que a sobrecarga é uma delas, e as questões relacionadas justamente com esse acúmulo de funções assim neh, porque às vezes a gente se torna meio que um bombeiro como enfermeiro e acaba tendo que matar no peito coisas que não são da gente, e nessas situações temos que resolver problemas que não são da nossa área, não são da nossa profissão e que a gente acaba muitas vezes se incomodando, acaba se estressando mais do que o normal.” (Enfermeira I, 26 anos).

Pode-se observar também que o sofrimento dos trabalhadores de enfermagem está muito vinculado a aspectos que não dependem somente deles, como falta de leitos, carência econômica dos pacientes, falta de material, questões financeiras entre outros. E quando o profissional enfermeiro assume estes problemas como unicamente seus, acaba se sobrecarregando com responsabilidades que deveriam ser compartilhadas com a instituição e com os demais trabalhadores (GOBBI, 2010).

Referente às situações de morte no ambiente de trabalho, onde normalmente costuma mexer com os sentimentos dos envolvidos, causando diversas sensações, pensamentos, desta forma quando questionados, 65% dos profissionais enfermeiros referiu lidar bem com as situações de morte, sabendo separar, acabam criando um bloqueio, conseguindo entender que tudo tem seu tempo, alguns ainda sentem dificuldades e ficam um pouco abalados, onde tudo foi ficando mais tranquilo com o passar dos anos de atuação e experiências vivenciadas.

“Hoje em dia isso é tranquilo neh, já faz parte, a gente entende, muitas vezes já presume o que vai acontecer a não ser quando é algo inesperado, isso a gente fica mais pensativo.” (Enfermeira J, 26 anos)

“Eu lido bem, porque acredito que tudo tem sua hora, tem seu tempo de acontecer e um porque. Mas geralmente eu consigo lidar bem, porque busco várias formas de me estruturar.” (Enfermeira K, 26 anos)

O profissional enfermeiro possui inúmeros sentimentos quando um paciente evolui a óbito, desde sensações mais gerais como a dor da perda, insatisfação, fracasso, e muitas vezes acompanhado de raiva, tristeza, já que o profissional enfermeiro durante todo o processo de formação na academia dos profissionais da saúde esteve voltada para o processo de preservação da vida e cura de doenças o que faz com que os mesmos saiam despreparados para lidar com as situações de morte, desta forma, muitos buscam maneiras de proteção psicológica, criando um bloqueio, uma postura firme e se tornando mais frios frente à morte (FREITAS, 2016).

Quadro 5 – Atividades de promoção à saúde mental

Variáveis	Número	%
Atividades realizadas de promoção à saúde mental		
Caminhadas/ Exercício Físico/Academia	4	20%
Reiki/Meditação/ Pilates	2	10%
Lazer com Família/ amigos	5	25%
Leituras	2	10%
Não Realiza	5	25%
A instituição oferece atividades relacionadas à saúde mental dos trabalhadores		
Sim (Ginástica laboral, massagem, reiki, serviços com a psicologia, palestras)	15	75%
Não	1	5%
Não sabe se é para Saúde Mental, mas ajuda	4	20%
Sugestões dos enfermeiros para evitar/ reduzir o adoecimento psíquico no trabalho		
-Momento de conversa com funcionário/ Ouvir;	8	40%
-Organizar escalas/atender pedidos/ estimular vida social;	2	10%
-Dividir trabalho e diminuir a sobrecarga;	2	10%
-Mais humanização com os funcionários;	1	5%
-Atividades Diferentes/ Outros assuntos;	1	5%
- Trabalhar e fazer o que gosta;	4	20%
-Já tem o suporte na instituição;	2	10%

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Sobre atividade de promoção à saúde mental 35% relataram o lazer com a família e amigos para descansar e se desligar do trabalho, 30% dos profissionais relataram realizar caminhadas, exercícios físicos e academia, sendo também citadas a prática de reiki, meditação e pilates que de certo modo todas essas atividades acabam proporcionando alívio do estresse, distração, melhorando a saúde mental.

Onde 25% dos profissionais relataram não praticar nenhuma atividade de promoção à saúde mental.

Antes de cuidar da saúde do outro é preciso cuidar da própria Saúde. Deste modo, é imprescindível que os profissionais de saúde mantenham uma saúde mental própria e que lhes proporcione todas as condições para prestar uma assistência de qualidade aos que necessitam de sua ajuda (CABRAL, 2015).

Martins (2014) diz que cada vez mais se acredita que os fatores desencadeantes do estresse contribuem para diminuir a qualidade de vida dos trabalhadores em diversos seguimentos da sua vida profissional. Os distúrbios causados pelo estresse ocupacional podem trazer graves implicações para o profissional enfermeiro e desencadear uma série de doenças. Dependendo da herança genética do indivíduo, o mesmo poderá desenvolver, além dos

transtornos psíquicos, manifestações orgânicas como úlceras, herpes, cânceres e hipertensão. Cabe ressaltar que o estresse por si só não provoca essas doenças, ele propicia o desencadeamento do mesmo, caso o trabalhador tenha predisposição para o seu desenvolvimento.

Trabalhar em um ambiente hospitalar exige com que a equipe de enfermagem apresente dedicação no desempenho de suas funções, provocando desgastes emocionais e altos níveis de estresse. Se não tratados a tempo, esses fatores podem se tornar crônicos e levar ao desencadeamento da Síndrome de *Burnout*. Onde estes trabalhadores apresentam grande esgotamento de energia e falta de realização profissional, caracterizada por sentimentos de fracasso e impotência (MARTINS, 2014).

Quando questionado se a instituição oferecia alguma atividade de promoção à saúde mental dos profissionais, 75% responderam que sim e 20% responderam que aconteciam atividades, mas que não sabem se está relacionado com a saúde mental mas que ajudavam a melhorar seu dia de trabalho. Desta forma podemos observar que a saúde mental e questões de sofrimento psíquico relacionado trabalho pouco são vistos e compreendidos, tem-se dificuldade em visualizar estas situações além de realizar atividades que promovam a saúde mental dos profissionais.

Para enfrentar o estresse muitos enfermeiros utilizam como estratégias a religiosidade, a prática de atividade física e até o afastamento de pacientes e seus familiares. As estratégias devem ser utilizadas pelos enfermeiros como forma de combater o estresse e o sofrimento. Deste modo se forem usadas para o coletivo, fortalecem ainda mais a equipe pela união entre os trabalhadores, pois o trabalho não deve ser compreendido apenas como uma tarefa onde o profissional se sobrecarrega, mas como uma experiência de viver em comum de trabalho em equipe, construindo o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento (MARTINS, 2014).

Desta forma, os profissionais foram estimulados a darem sugestões para evitar ou reduzir o adoecimento psíquico relacionado ao trabalho, observando os aspectos de seu ambiente de trabalho. Desta forma obtiveram-se algumas sugestões onde 40% dos profissionais sugeriram momentos de conversa com seus funcionários, poder ouvir com mais atenção.

Trabalhar em um ambiente que seja do seu perfil, onde se adapte melhor, trabalhar com o que gosta teve 20% das sugestões.

Poder ouvir os funcionários e atender suas necessidades no momento de elaborar as escalas, estimular os funcionários a terem vida social, além de dividir as tarefas e evitar a sobrecarga e estresse desnecessário com 10% das sugestões.

Sendo que 5% responderam que deveria ter mais humanização com os funcionários, ouvir suas sugestões e vontades, além de atividades diferentes das já existentes, algo mais dinâmico e que estimule os funcionários a participar.

E 10% dos profissionais enfermeiros, relataram já existir todo o suporte necessário na instituição, a qual sempre atende as necessidades dos funcionários quando necessário.

O estresse e a ansiedade podem ser evitados ou amenizados a partir de modificações no processo de trabalho e também no ambiente em que o profissional atua, as quais possibilitem que os trabalhadores sintam-se mais tranquilos, seguros, confortáveis e com maior poder de decisão. Assim, o trabalho ocorrerá de maneira mais satisfatória e sendo mais fácil o reconhecimento pelos pacientes, equipe, família (VIEIRA, 2013).

Sendo que o trabalhador ainda não possui total poder para determinar uma jornada menos intensa que a imposta pelos hospitais, o sofrimento psíquico torna-se quase que inevitável, visto que quanto menor a liberdade na organização do trabalho, maior o sofrimento psíquico e diante destas situações que o enfermeiro deve procurar medidas preventivas para reduzir ou amenizar estes agravos que podem vir a afetar sua saúde mental (MORAIS, 2016).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do termino da pesquisa, pode-se observar que entre os profissionais enfermeiros entrevistados a grande maioria possui de 30 a 40 anos de idade onde o sexo feminino de profissionais enfermeiras predomina na instituição onde o estudo foi realizado, mostrando ainda que a maioria está casada e com um tempo de formação de 1 a 5 anos e estarem na instituição menos de cinco anos, onde muitas já trabalharam em outras instituições, principalmente em outros hospitais e referem que hoje as condições relacionadas ao aspecto psíquico do trabalho estão melhores.

Diante das inúmeras causas de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho que o enfermeiro está exposto, neste estudo a sobrecarga das atividades e o estresse foram os mais citados pelos enfermeiros como causadores de sofrimento psíquico, onde a maioria já teve histórico de sofrimento psíquico e chegaram a ser diagnosticadas com depressão e ansiedade.

A saúde mental relacionada ao trabalho vem sendo muito pouco trabalhada, muitos dos profissionais enfermeiros não tem um real entendimento do que se trata sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, quais seriam os sintomas e até que ponto é ou ao considerado alguma patologia, sendo assim muitos dos sinais e sintomas acabam sendo ignorados.

Muitos dos profissionais relataram apresentar sinais e sintomas como ansiedade e estresse no seu dia a dia de trabalho, onde alguns relaram fazer uso de medicação como ansiolítico e antidepressivo. Referindo que os conflitos entre equipe, usuários e familiares são as situações que mais afetam sua saúde mental. Logo que o profissional enfermeiro entra no mercado de trabalho se depara com muitas dificuldades na qual a morte é uma das mais difíceis de lidar, onde muitos dos enfermeiros relataram a dificuldade no início de sofrer com a perda, dos sentimentos de impotência e que hoje a maioria dos entrevistados relatou lidar bem nessas situações que com o passar do tempo e com a experiência consegue lidar e se posicionar com maior facilidade.

Sobre as questões de atividades de promoção a saúde mental a maioria dos enfermeiros diz que prefere o lazer com a família e amigos assim com muitos dos entrevistados responderam não realizar nenhum tipo de atividade de promoção a sua saúde mental, reconhecendo ainda que isto seria um problema tanto no presente como no futuro. E quando questionados referente à instituição, se a mesma oferecia atividades de promoção à saúde mental de seus trabalhadores a maioria respondeu que sim, mas também teve entrevistados que não souberam responder se tais atividades seriam ou não relacionadas à saúde mental especificamente, mas apesar da dúvida responderam que ajudava muito, onde também teve

um profissional que referiu a instituição não oferecer nada para a saúde mental dos trabalhadores. Deste modo pode-se observar às dúvidas que os profissionais têm referente ao assunto, e também mesmo a instituição oferecendo diversas atividades de promoção à saúde mental, grande maioria dos profissionais ou não realiza ou prefere lazer com família e amigos.

Desta forma podemos observar que apesar da imensidão de trabalhos, artigos e matérias que se tem sobre a saúde mental, este assunto ainda são muito pouco trabalhadas com os profissionais, muitas dúvidas são observadas diante deste assunto, muitas não sabem até que ponto os sinais e sintomas podem estar prejudicando sua saúde, não conseguindo observar seu corpo e comportamento quando o aparecimento dos riscos.

Observou-se que muitos percebem os sintomas, mas pelo fato de o trabalhador enfermeiro já ser taxado como alguém que vive em um cotidiano estressor, sobrecarregado de atividades, responsabilidades, cobranças, resolução de problemas, conflitos e acabam ignorando e considerando algo normal da profissão.

Deste modo cabe também à instituição ampliar e discutir mais sobre a relação entre o trabalho e a saúde mental do profissional enfermeiro, conseguir avaliar e amenizar os riscos em que os profissionais estão submetidos em seu dia a dia de trabalho e pensando assim em atividades de promoção de saúde para estes profissionais.

Sendo assim cabe aos profissionais enfermeiros ter a percepção de como anda sua saúde, realizar o auto cuidado e a promoção da saúde tanto física como mental no seu ambiente de trabalho, conhecer seus limites e estar atento aos sinais e sintomas que seu corpo transmite. Podendo estar participando de atividades que promovam a saúde mental através de espaços de escuta e falas tanto individual como em grupos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, A.; SANTANNA, L. Satisfação e motivação no trabalho do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 49, n. 3, p. 425-434, jul./set. 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v49n3/v49n3a10.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- AVELLAR, L. Z.; IGLESIAS, A.; VALVERDE, P. F. Sofrimento psíquico em trabalhadores de enfermagem de uma unidade oncológica. *Psicologia em Saúde*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 475-481, 2007.
- BERNARDES, A. P. F. et al. A ética da enfermagem frente à assistência aos pacientes terminais. Discentes do curso de Graduação de Enfermagem da Universidade Vale do Itajaí – SC, Balneário Camboriú, 2008.
- CABRAL, L. R.; FLORENTIM, R. J. Saúde mental dos enfermeiros nos cuidados de saúde primários. *Millenium*, Viseu, v. 49, n. 20, p. 195-216, 2015. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium49/11.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- FREITAS, T. L. L.; BANAZESKI, A. C. O olhar da enfermagem diante do processo de morte e morrer de pacientes críticos: uma revisão integrativa. *Enfermaria Global*, n. 14, p. 335-347, jan 2016. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/viewFile/214601/188591>>. Acesso em: 6 mar 2016.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOBBI, C.; DURMAN, S. Sofrimento psíquico no trabalho: percepções de enfermeiro. *Revista Tempus Actas Saúde Coletiva*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 169-177, 2010.
- GOMES, R. K.; OLIVEIRA, V. B. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais de enfermagem. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 63, n. 138, p. 23-33, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006>. Acesso em: 17 maio 2016.
- GLAUDSTON, S. P. et al. O sofrimento psíquico do profissional de enfermagem da unidade hospitalar. *Aquichan*, Chía, v. 10, n. 3, p. 267-279, dez 2010.
- IGNATTI, Carmencitta. Sofrimento psíquico de enfermeiros – um olhar mitológico. *Revista Científica Integrada*, São Paulo, ano 1, edição 1, mar 2012. Disponível em: <<http://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/edicao-n-1-2014/1449-120-390-1-sm/file>>. Acesso em: 10 nov 2016.
- KIRCHHOF, A. L. et al. Condições de trabalho e características sócio- demográficas relacionadas à presença de distúrbios menores em trabalhadores de enfermagem. *Revista Texto Contexto de Enfermagem*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 215-223, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/03.pdf>>. Acesso em: 30 mar 2016.
- KUSTER, D. K.; BISOGNO, S. B. A percepção do enfermeiro diante da morte dos pacientes. *Disc. Scientia*. Série: Ciência da Saúde, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 9-24, 2010.

- LIMA, F.D. et al. Síndrome de *Burnout* em enfermeiros: a influência as unidade de atuação no desgaste profissional. In: *XXXIII Encontro da ANPAD*, São Paulo, 2009.
- LIMA, M. et al. Sofrimento psíquico do enfermeiro assistencial em hospital geral: Desafios e Possibilidades. *Revista de Enfermagem*, Recife, v. 8, n. 2, p. 286-293, 2014. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/3420/pdf_4537>. Acesso em: 20 mar 2016.
- MORAIS, P. M. et al; Satisfação no trabalho de enfermeiros em um hospital universitário. *Revista de Enfermagem UFSM*, Santa Maria, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/download/17766/pdf>>. Acessado em: 14 nov 2016.
- MARTINS, J. T. et al; Transtornos mentais relacionados ao trabalho na enfermagem: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem- UFPE*, Recife, 2014. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/4825/pdf_5344>. Acesso em: 14 nov 2016.
- MARTINS, Luiz Antônio. Saúde mental dos profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, Belo horizonte, v. 1, n. 1, p. 56-68, jul-set 2003. Disponível em: <<http://www.pqv.unifesp.br/saudementaldosprofissionaisdesaude.pdf>>. Acesso em: 10 nov 2016.
- MATOS, I. B.; TOASSI, R. F. C.; OLIVEIRA, M. C. Profissões e ocupações de saúde e o processo de feminização: tendências e implicações. *Athenea Digital*, Espanha, v. 13, n. 2, p. 239-244, jul 2013. Disponível em: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Matos>>. Acesso em: 23 out 2016.
- MININEL V.A.; FELLI V. E. A.; SILVA E. J. Cargas de trabalho, processos de desgaste e absenteísmo-doença em enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 21, n. 6, p. 1290-1297, 2013.
- MONTEIRO, J.K. et al. Sofrimento Psíquico de Trabalhadores de Unidade de Terapia Intensiva. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v. 12, n. 2, p. 245-250, 2012.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- NOBREGA, M. F. et al. Perfil gerencial de enfermeiros que atuam em um hospital público federal de ensino. *Revista de enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 333-338, jul/set 2008.
- REZENDE, R.; BORGES, N. Síndrome de *Burnout* e absenteísmo em enfermeiros no contexto hospitalar: revisão integrativa da literatura brasileira. *Com. Ciências Saúde*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 243-252, 2012.
- SANTOS, I.; CASTRO, C. Características pessoais e profissionais de enfermeiros com funções administrativas atuantes em um hospital universitário. *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 154-160, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a22v44n1.pdf>>. Acesso em: 10 nov 2016.

SEEMANN, S.; GARCEZ, E. M. O Adoecimento Psíquico em Profissionais da Enfermagem. *Revista Saúde Pública Santa Catarina*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 46-71, 2012. Disponível em: <<http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/viewFile/141/16>>. Acesso em: 23 maio 2016.

SILVA, A. et al. Cuidado de si sob a percepção dos profissionais de enfermagem em saúde mental. *Revista da rede de enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, v. 14, n. 6, p. 1092-1102, 2013.

SILVA, C.D.L.; PINTO, W. M. Riscos Ocupacionais no Ambiente de Trabalho: fatores que favorecem a sua ocorrência na equipe de enfermagem. *Saúde Coletiva em Debate*, Pernambuco, v. 2, n. 1, p. 95-105, 2012.

SOUZA, L. P. et al. Os desafios do recém graduado em enfermagem no mundo do trabalho. *Revista Cubana de Enfermeria*, Cuba, v. 30, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/127/79>>. Acesso em: 10 nov 2016.

TAVARES, A. F. K, et al. Ocorrência da síndrome de burnout em enfermeiros residentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v27n3/1982-0194-ape-027-003-0260.pdf>>. Acessado em 10 nov 2016.

VIEIRA, T. et al. Adoecimento e uso de medicamentos psicoativos entre trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva. *Revista de Enfermagem UFMS*, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 205-214, mai-ago 2013.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Desta forma o presente estudo tem como objetivo investigar possíveis sinais de sofrimento psíquico relacionado ao trabalho em profissionais de enfermagem que atuam no ambiente hospitalar, assim como levanta possíveis ações e medidas preventivas para estes agravos.

Para a coleta de dados será utilizado um questionário com perguntas pessoais, idade, estado civil e também perguntas relacionadas ao trabalho, tempo de atuação e formação, com propósito de identificar sinais e sintomas de sofrimento psíquico além de buscar sugestões para melhorias no ambiente laboral.

Sabendo que os índices de sofrimento psíquico e adoecimento relacionado ao trabalho do enfermeiro vêm aumentando a cada dia, este estudo tem o intuito de observar e identificar casos, assim como sinais e sintomas que o trabalhador enfermeiro possa estar apresentando.

Desta forma, este estudo tem o intuito de contribuir para melhorias no ambiente hospitalar, identificando situações e fatores que veem causando sofrimento psíquico e estresse no ambiente de trabalho e dessa forma desenvolver atividades e medidas preventivas que possam minimizar o sofrimento e conseqüentemente o adoecimento psíquico no trabalho.

Os sujeitos participantes do estudo podem estar relatando o que gera desconforto, sofrimento, estresse entre outros em seu ambiente de trabalho, refletir sobre o que poderiam fazer para mudar e conseqüentemente trazendo sugestões de melhorias para o dia a dia no trabalho.

Pesquisa será realizada pela pesquisadora Daiana Cristina Wander, através de coleta de dados por meio de um questionário tendo auxílio da professora orientadora Micila Pires Chielle.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhado, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa.

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;
- de que se existirem gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Daiana Cristina Wander (Fone (51) 9724- 0624), na disciplina de Trabalho de Conclusão de curso I, tendo como orientadora do projeto de pesquisa a professora Micila Pires Chielle. O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável. O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 051 3717 7680.

Data: ____/____/____

Assinatura do Enfermeiro Voluntário

Assinatura do Responsável pelo
presente consentimento



Santa Cruz do Sul, 05 de julho de 2016

Prezados Senhores

Declaramos para os devidos fins, conhecer o protocolo de pesquisa intitulado "**O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO EM AMBIENTE HOSPITALAR**", desenvolvido pela aluna do curso de Enfermagem – UNISC, **Dalana Cristina Wander**, sob supervisão da **Prof. Míella Pires Chielie**, bem como os objetivos e a metodologia do estudo proposto. Salientamos que publicações acerca dos dados obtidos no referido estudo devem ser previamente submetidos à análise da Instituição.

Afirmamos concordar com o parecer ético substanciado que será emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados.

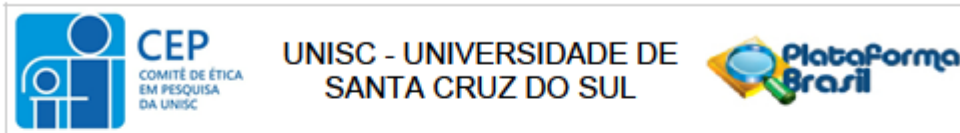
Atenciosamente,


Enf. Fernanda Ribeiro Gallisa
 Gerente Assistencial / HSC


Prof. Dr. Giana Diesel Sebastião
 Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão / HSC

ASSOCIAÇÃO PRÓ-ENSINO EM SANTA CRUZ DO SUL - APESC

Rua Fernando Abont, 174 - 96.810-072 - Santa Cruz do Sul - RS - Fone/Fax: (51) 3712-7100 - www.hospitalstacruz.com.br - hsc@unisc.br



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Pesquisador: MICILA PIRES CHIELLE

Versão: 2

CAAE: 58174016.0.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 073451/2016

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto O SOFRIMENTO PSÍQUICO RELACIONADO AO TRABALHO DO ENFERMEIRO EM AMBIENTE HOSPITALAR que tem como pesquisador responsável MICILA PIRES CHIELLE, foi recebido para análise ética no CEP UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul em 28/07/2016 às 16:17.

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603
Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br